

SEXUALIDADE NA ESCOLA: PARA ALÉM DAS QUESTÕES BIOLÓGICAS

Jarles Lopes de Medeiros
Prof. Ensino Fundamental I. Graduado em Pedagogia UECE.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal discutir a sexualidade no campo educacional. Para tanto, fez-se necessário, num primeiro momento, um estudo teórico articulado à realidade cultural brasileira no que diz respeito às questões da sexualidade. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo onde foi possível fazer uma articulação com os elementos teóricos. Os sujeitos da pesquisa foram os professores da rede pública de ensino. A metodologia utilizada foi a observação participante e entrevistas abertas, onde os entrevistados foram convidados a falar livremente sobre o tema. Ao final, é possível perceber que as questões relativas à sexualidade estão intrínsecas ao ambiente social e cultural, sendo impossível discuti-las de forma unilateral. Uma abordagem sociológica, antropológica e educacional foi imprescindível para se chegar à conclusão que a sexualidade faz parte da condição humana e está presente em todos os lugares e que a escola não pode se omitir diante de tais discussões.

Palavras-chave: sexualidade, educação, sociedade.

Introdução

Atualmente vivemos numa sociedade sexual, onde há um fetichismo e uma banalização em torno do corpo, principalmente o feminino. Existe uma hierarquia sexual, onde é apresentado um modelo a ser seguido: a heterossexualidade. De acordo com esse modelo, qualquer expressão da sexualidade que se distancie desse padrão encontrará barreiras, sejam religiosas, políticas ou sociais, que dificultará a livre expressão sexual dos indivíduos que se encontrem à margem da heterossexualidade. Prova disso é a violência com que os homossexuais são tratados diariamente em nosso país.

A sexualidade está sobrecarregada de estigmas que são sustentados historicamente por preceitos machistas, homofóbicos e religiosos. Ainda vivemos numa sociedade cheia de pudores, onde a mulher e os homossexuais não são respeitados em sua integridade, onde não há espaços as diversidades. Ainda temos muito presente em nosso país as marcas históricas e culturais da sexualidade reprimida e pecaminosa, do machismo, da homofobia e da violência dos séculos passados, onde a mulher era objeto sexual ao passo que tinha que ser recatada, onde somente o homem branco heterossexual tinha o direito de usufruir a sua sexualidade. Essas características estão presentes no período medieval, onde as relações sexuais resumiam-se às matrimoniais com fins reprodutivos, as outras expressões da sexualidade estavam condenadas à clandestinidade e à repressão (FOUCAULT, 2011). Nesse sentido, Marilena Chauí (1984) observa que as casas de prostituição são necessárias para as sociedades machistas, em que as mulheres não podem gostar de sexo, onde têm que casar virgens.

Em nossa sociedade se discute o assunto com profundidade. O tema está presente em todos os lugares, na família, na escola, na igreja, nas ruas, na mídia, nas brincadeiras de crianças. Subentende-se que as pessoas sabem cada vez mais sobre o assunto, que as crianças estão cada vez mais sexualizadas. Contudo, não se discute o tema com profundidade, ficando tudo no âmbito do subentendido. Partimos do pressuposto que já sabemos tudo sobre, de que as crianças e os jovens já possuem informações suficientes e, por isso, perderam sua ingenuidade e que os adultos conhecem e usufruem plenamente a sua sexualidade. Mas, na verdade, vivemos um caos em torno das questões sexuais. Tudo fica na base do subentendido e não se discute nada. É preciso discutir essas questões e emancipar a humanidade das amarras da repressão. É necessário trazer à tona discussões a cerca da sexualidade que ultrapassem as questões biológicas e que incluam o prazer e as diversidades.

1. Educação sexual escolarizada

Fala-se muito em educação sexual na escola, muitas vezes desconsiderando o fato de que se trata de um processo indissociável da vida, do meio em que se vive, abordando-a de forma fragmentada, descontextualizada. Aliás, é no cotidiano que a sexualidade se efetiva, e, portanto, uma educação sexual consistente não pode ficar apenas a cargo da escola. Na escola, nessa concepção dicotomizada entre sexualidade e sociedade, sexualidade e prazer, sexualidade e identidade, a educação sexual se transforma numa espécie de pedagogia da repressão, não para reprimir diretamente, mas para estimular hábitos sexuais “saudáveis” dentro de um padrão, corrigindo hábitos e apontando condutas sexuais “sadias” e permitidas (CHAUI, 1984).

Estamos sendo educados desde sempre, antes mesmo de iniciarmos a vida escolar. Vale salientar que a escola é uma pequena parte da sociedade, é parte do todo, não existindo isolada das relações sociais. Seria uma tarefa muito ousada delegar à escola, sozinha, a tarefa de educar sexualmente seus alunos. Antes de tudo, seria necessário desconstruir essa concepção de que a escola educa sozinha, de que a escola é o único espaço onde é possível educar. A escola está sobrecarregada de funções sociais. Sem um diálogo entre as instituições sociais como um todo não será possível avançar rumo a uma educação sexual para a sexualidade.

De uma forma geral, a orientação que se oferece socialmente e na escola sobre sexualidade se resume aos meios contraceptivos e à descrição do ato sexual em si, enfatizando o cuidado que se deve ter em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). A

forma como as DSTs são abordadas funciona mais como um dispositivo de repressão do que de educação, uma vez que as fotos assustadoras dos órgãos genitais consumidos por doenças venéreas soam como se alguém dissesse em tom ameaçador: cuidado, isso pode acontecer com você se você não controlar o seu impulso sexual. Isso sem falar do fantasma da AIDS. Momentaneamente um susto é provocado, mas logo se cedem aos apelos sexuais da mídia, dos filmes, das ruas.

Alguns podem questionar argumentando que não cabe à escola tais discussões, que lá é lugar de (re)produção de conhecimento, de preparar o aluno para um futuro profissional e para os bons costumes. Mas, se pensarmos assim, a quem caberá tal tarefa? À família? Ela tem seu papel sim, e pode muito bem se articular com a escola, mas muitas vezes a família só reproduz em seus filhos suas concepções distorcidas e moldadas acerca da sexualidade. Não é incomum mães que tiveram seu primeiro filho na adolescência (sem planejamento) verem esse mesmo filho no futuro tendo outro filho também na adolescência, de forma não planejada. Pais homofóbicos educam filhos homofóbicos. A mídia só incita o ato sexual, com uma erotização cada vez mais precoce das crianças. Algumas religiões condenam, sem o menor pudor, qualquer diversidade sexual, posicionando-se contra os meios contraceptivos, pregando a abstinência sexual antes do casamento, apontando a homossexualidade como uma ameaça à família, fingindo não ver ou não entender que o sexo é uma realidade e uma necessidade humana, que sexo é essencialmente fonte de prazer.

1.1.O Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os PCNs (1998) propõe abordar a sexualidade na escola, discutindo as questões biológicas, como as DSTs e métodos contraceptivos, e as questões culturais, como os estereótipos de gênero. Em seu texto, critica o fato das escolas biologizarem em excesso a educação sexual, sobrecarregando-a de conceitos, o que não alivia as dúvidas dos alunos a respeito de suas sexualidades, deixando claro que “[...] essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade” (BRASIL, 1998, p.292).

De acordo com os PCNs (1998) o professor, em meio às discussões sobre sexualidade, não pode expressar suas opiniões pessoais sobre o tema de maneira a contaminar, negativamente, as ideias dos alunos sobre o tema com suas próprias convicções. Deve buscar respostas científicas e imparciais. Contudo, no ambiente familiar, no cotidiano dos alunos, há

o inverso, existindo um direcionamento por parte dos pais para que os filhos sigam determinada conduta sexual.

Fica óbvio que a escola não pode interferir na conduta sexual dos alunos, discriminando determinadas práticas. Mas, dentro dessa ideia de imparcialidade, podemos observar uma contradição. Fala-se que não se deve interferir nas condutas sexuais, mas ao mesmo tempo só se apresenta uma conduta a seguir: a heterossexualidade. Silencia-se todo o resto. A sociedade está impregnada de discursos como esse, onde o mais importante não está dito.

Os PCNs (1998) não discute as diversas formas de práticas sexuais, como o sexo anal e oral, assim como não discutem as formas de contágio das DSTs. Aliás, fica subentendido que só existe uma forma sexual saudável a ser praticada: a conjunção carnal heterossexual. As demais formas de relações sexuais são silenciadas, como o sexo anal, o oral e a masturbação. Dessa forma, parece que ainda vivemos tempos nos quais a única função do sexo é a reprodução. A escola e as políticas de prevenção, ao abordarem a sexualidade restrita a temas de DSTs e AIDS apresentam “[...] o sexo como perigo e ameaça, mais do que como oportunidade” (WEEKS apud LOURO, 1997. P. 130).

Outro ponto controverso nos PCNs (1998) é quando, em seu texto, faz-se uma abordagem ao montante das sexualidades ditas polêmicas. Reafirmam a necessidade de tratar a Orientação Sexual em espaço e horário específicos, além de tratar o tema transversalmente, o que é muito viável. Porém, fragmenta a discussão separando num bloco intitulado de “temas polêmicos” assuntos como homossexualidade, iniciação sexual, masturbação, gravidez na adolescência, pornografia e erotismo, aborto e violência sexual. Considera inviável a possibilidade de trabalhar esses temas transversalmente devido à complexidade que demandam. Essa atitude segregadora só reforça o *status quo* e é bastante contraditória com o objetivo geral, o de transversalidade, dos Temas Transversais.

Como se percebe nesse agrupamento de assuntos polêmicos, existe toda uma vegetação de sexualidades circundante, que cresce às margens da heterossexualidade matrimonial e reprodutora (FOUCAULT, 2011). Por que ainda reproduzimos discursos como esses, categorizando certas expressões como polêmicas? Qual o critério para essa catalogação? A masturbação, o “ficar”, o namoro e a iniciação sexual fazem parte do cotidiano dos jovens e dos adultos. Por que silenciar ou categorizar tais assuntos de polêmicos?

A respeito da homossexualidade, embora seja apenas mais uma expressão da sexualidade, ela ainda está contida no rol dos assuntos polêmicos, dos tabus, dos desvios, na

categoria da promiscuidade e da pornografia. Quando se fala em DSTs/AIDS, logo se faz referência à homossexualidade. Até quando a escola vai silenciar a vida sexual de seus alunos, de sua sociedade? Por mais que a escola não queira assumir, a masturbação, a iniciação sexual, a gravidez e o aborto fazem parte do cotidiano de seus alunos e ela não pode se intimidar diante de tais assuntos, muito menos segregá-los.

Existe uma urgência em desmascarar os discursos e as práticas discriminatórias de poder, identificando o que eles não dizem. Muitas vezes o mais importante, a real intenção de um discurso não é dito, é velado. Com isso, acabamos acatando e reproduzindo ideias repressoras de adestramento, e muitas delas não condizem com nossos próprios anseios. Nesse sentido Guacira Louro (1997, p.64) afirma que

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

A forma como os PCNs (1998) abordam o tema é reflexo do descaso com que a sociedade trata a dimensão humana da sexualidade. A escola não se efetiva como espaço de formação e realização das potencialidades do ser humano, fragmentando-o junto com sua sexualidade, de acordo com pressupostos científicos. É indiscutível que a sexualidade, assim como qualquer manifestação humana, não pode ser fragmentada de suas partes, do todo, sentimo-la plenamente em nosso ser, em nosso corpo. Sentimentos esses inquantificáveis, alguns fogem à compreensão humana. Os Temas Transversais possuem um texto amplo e vanguardista em muitos aspectos da sexualidade, mas em outros mostra a marca da ideologia dominante, do preconceito de seus redatores e da sociedade, do padrão heterossexual e machista.

2. Pesquisa de campo: um diálogo com professores

A pesquisa de campo deste trabalho possui uma abordagem qualitativa, bem como uma observação da subjetividade das práticas dos professores e suas concepções a cerca do tema sexualidade. Durante as visitas às escolas foi utilizada entrevistas semiestruturadas e abertas, uma vez que o informante foi convidado a falar livremente sobre o tema, tendo no entrevistador um mediador, com perguntas de aprofundamento da discussão (MINAYO 2011). Na parte final da pesquisa de campo, durante grupos focais com os professores, utilizei

como metodologia a observação participante, onde foi possível estar inserido no meio social em que se realizou a pesquisa, numa troca de influência mútua.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores e as escolas da rede pública de ensino do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. A partir de observações de suas práticas, bem como da coleta de dados obtida durante as entrevistas e grupos focais, busquei responder aos questionamentos suscitados durante a pesquisa teórica, assim como, a partir da coleta de dados, discutir os principais entraves relacionados ao tema sexualidade e à prática educacional dos professores.

Tive a oportunidade de visitar quatro escolas. Na primeira, a ESCOLA 01, localizada no Município de Maracanaú, conversei apenas com o diretor. Ele informou que a escola não possuía um programa específico que abordasse a sexualidade, mas que seguia as orientações dos PCNs (1998), abordando-a de forma transversal. Apesar do diretor possuir uma postura esclarecida a respeito do tema, ele informou que a grade curricular da escola não possuía espaço para inserir tais discussões, pois tinha que cumprir o cronograma dos conteúdos. Além disso, disse que as famílias não queriam abordar o assunto, que é um tema delicado e que muitas vezes é mal interpretado.

Na segunda escola, a ESCOLA 02, localizada no Município de Maracanaú, o tema sexualidade é abordado a partir do Programa Saúde na Escola (PSE). Esse programa é uma proposta do Governo Federal que visa articular educação e saúde de forma integral. A proposta é que haja duas palestras mensais. Essas palestras, sobre sexualidade, giram em torno dos meios contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Ela disse que as palestras são bem aceitas pelos demais alunos.

Na ESCOLA 03, localizada no Município de Caucaia, tive a oportunidade de assistir a uma aula em que a professora abordava a educação sexual. Ela ministra aulas no Programa Acelera Brasil, uma sala de ensino regular que engloba alunos do 4º ao 5º ano, entre 9 e 13 anos. Dentre as disciplinas regulares, oferece aulas de educação sexual, a qual não está no programa oficial, no currículo da escola, ministrando essas aulas por conta própria. Ela possui formação em Pedagogia e um curso de especialização em Educação Sexual.

Assisti à aula em que a professora abordou o tema sexualidade. Ela iniciou falando sobre a história bíblica de Adão e Eva no Paraíso e o fruto proibido, enfatizando que esse significava o sexo. No início, não existia, dizia ela, a atração física entre Adão e Eva, não existia o sexo, surgindo somente a partir do momento em que Eva come o fruto proibido. Nesse momento, Eva passa a se sentir atraída fisicamente por Adão, por seu corpo, e, assim,

fizeram sexo. Ela questionou com os alunos por que Adão e Eva fizeram sexo, mas os alunos não souberam responder, então ela mesma respondeu: por causa dos aparelhos reprodutores.

A professora prosseguiu a aula abordando a importância do uso da camisinha, sempre questionando e dialogando com os alunos. Perguntou o porquê da importância de se utilizar a camisinha nas relações sexuais e eles responderam que era para evitar doenças e gravidezes indesejadas. Ela falou dos métodos contraceptivos, tais como pílulas, camisinha e o DIU, sempre num diálogo com os alunos. Esses sempre muito interessados pelo tema.

Após a aula, conversei com a professora e essa me disse que os alunos têm muita curiosidade e interesse sobre o tema sexualidade. Disse que encontra dificuldades em abordar o tema na escola, pois não recebe incentivo das famílias, nem da escola e muito menos do Governo. É criticada por alguns colegas de profissão da própria escola que a ironizam dizendo coisas do tipo: tu vai ensinar os meninos a fazerem sexo é? Somente ela aborda a temática na escola. Relata que alguns familiares disseram que seus filhos já sabiam sobre o assunto e que não tinha necessidade de abordá-lo na escola. Mas ela tem consciência de que isso é um tabu e que na verdade não existe informação sobre o tema, nem na família e muito menos na escola, ficando tudo a cargo da mídia. Para ela, a Educação Sexual deveria ser uma disciplina obrigatória dentro do currículo. Criticou a falta de incentivo governamental, que não há programas e nem incentivos por parte do Governo. Disse que é preciso sim falar sobre sexualidade na escola, não só com adolescentes, mas com crianças também, de formas diferentes. Disse que os alunos se interessam muito, que não precisa ter pudores para falar disso com eles.

Em todo o processo de construção desse trabalho, desde a teoria até a ida a campo, sempre conversei sobre o assunto com as pessoas próximas, amigos e familiares, pois eles sempre me ajudavam a clarificar minhas ideias. Passava horas a fio conversando sobre o tema com uma amiga, a Raquel, que é professora de Educação Física do Município de Fortaleza. Essa, sempre atenta, relatava-me alguns fatos relacionados à sexualidade que ocorria na sua prática educativa. Disso surgiu a ideia de fazer um relato de experiências com a professora Raquel. Ela aceitou na hora e ficamos muito empolgados. Ficou acordado que reservaríamos um dia para conversarmos sobre o assunto de maneira mais formal. Só que o tempo passava e esse momento mais formal nunca chegava, mas as histórias estavam sempre cruzando nossas conversas.

Certa vez, a coordenadora pedagógica da escola em que a professora Raquel trabalhava estava muito inquieta sobre algumas questões sexuais que seus alunos apresentavam, como brincadeiras sexuais, excesso de palavrões e até mesmo assédio sexual

entre os próprios alunos. Essa escola, a ESCOLA 04, oferece turmas do 2º ao 4º anos do Ensino Fundamental I. Então, a coordenadora propôs a professora Raquel desenvolver e realizar um projeto para discutir algumas questões relativas à sexualidade nessa escola, com pais, alunos e professores, para amenizar alguns problemas referentes ao tema.

Assim, a professora Raquel se lembrou de nossas conversas e me convidou para realizar uma parceria na realização desse projeto, com palestras para os alunos, pais e professores. Eu aceitei na hora e tive a certeza de que essa seria uma oportunidade única para concluir o presente trabalho.

A ideia seria apresentar uma espécie de palestra na reunião de pais e professores. Seriam dois momentos, um com as professoras e outro com os pais. A coordenadora nos deu total liberdade para desenvolver a temática, os conteúdos e as discussões. Eu e a professora Raquel discutimos e elaboramos as palestras.

No dia combinado, iniciamos com as professoras. Apresentamos a problemática da sexualidade na realidade brasileira, de como ela está presente em todos os espaços e o porquê de discuti-la na escola. Tinham mais ou menos uns 15 professores, eles ficaram muito inquietos e empolgados com o tema. Apresentamos uma breve teoria sobre o assunto e abrimos um pequeno debate. Eles relataram inúmeros casos de seus alunos, exemplos de como eles se comportavam, as músicas que cantavam. O tempo era curto, tínhamos em torno de 50 minutos. Infelizmente não pudemos prolongar o debate, pois ainda tínhamos uma dinâmica para desenvolver.

Na dinâmica, apresentamos situações em que as professoras pudessem apresentar suas concepções relativas às questões de gênero e às diversidades. A maioria das professoras apresentaram abertura às discussões, não mostrando preconceitos. Ao final, pedimos que elas escrevessem o que acharam do que foi discutido, colocando sugestões e quais suas expectativas diante do tema, bem como a importância de se abordá-lo na escola. Elas gostaram muito desse primeiro momento. A seguir, algumas sugestões que indicaram:

- Abordar influência da mídia na sexualidade.
- Que os temas possam ser discutidos e não só apresentados. Instigante.
- Adorei as reflexões. Hoje foi um despertar, acredito que precisamos estudar mais para nos abirmos para essas questões. Sugiro falar mais sobre o que é considerado como natural.
- Gostei muito do tema. Sugestões: namoro, idade certa; esclarecimentos sobre a sexualidade infantil.
- Apresentar filme sobre sexualidade. Debater sobre o tema. Sugestões como devemos abordar o tema com os alunos.

- Tema excelente. Poderá ter continuidade.

Nossas expectativas foram contempladas nesse primeiro momento. As sugestões das professoras foram analisadas para elaboração de um segundo momento em data posterior. Após essas atividades com as professoras, seguimos para o pátio para conversar com os pais. Eles estavam todos nos aguardando, deveria ter em torno de 50 pessoas, sentados em cadeiras no pátio da escola. Sabíamos que era um momento mais informal, que deveria ter uma outra abordagem, mais simples. Fomos alertados pela coordenadora que muitos ali não sabiam ler nem escrever, que eram muito humildes.

Iniciamos apresentando o porquê de se abordar o tema sexualidade na escola, apresentando os principais pontos, como a erotização precoce, o namoro, a gravidez, as doenças, etc. Enfatizamos que estávamos ali para informar e esclarecer, que precisávamos saber o que eles achavam da idéia de abordar a sexualidade na escola, que estávamos pedindo a permissão deles para tratar do assunto com seus filhos em outro momento. Logo nos primeiros 10 minutos os pais começaram a apresentar sugestões, depoimentos, e consideraram muito importante discutir o assunto com seus filhos.

Uma senhora nos relatou que sua filha de 9 anos mantinha conversas com um homem bem mais velho sem saber sua real idade. Isso repercutiu demais em sua família, ficaram todos assustados. Essa mãe nos questionou o que poderíamos fazer em relação à exposição excessiva dos filhos a situações como essa. No mesmo momento, outra mãe também questionou como poderia discutir as questões relativas ao abuso sexual e à pedofilia. Enfatizamos que estávamos ali para informar, para prevenir, que crianças e adolescentes informados sabem se prevenir e evitar situações como essas, que uma vez informados e esclarecidos, fica mais fácil dialogar com os pais ou professores.

Outra questão levantada por uma mãe foi a de que sua filha de apenas 11 anos chegava em casa tarde da noite, sempre com um dinheiro no bolso, dado por estranhos. Ela nos pediu que orientássemos os alunos a não aceitarem dinheiro de estranhos, nem carona. Ela disse que os jovens estão entrando muito cedo no mundo da prostituição. Percebi que os principais pontos levantados pelos pais giravam em torno do abuso sexual e da pedofilia. Questões como DSTs e gravidez não foram levantadas, mas salientamos a importância de informar para evitá-las.

O momento mais emocionante foi quando uma mulher de aproximadamente 25 anos falou que era lésbica, que vivia com outra mulher e o seu filho estudava nessa escola. Ela pediu para que abordássemos a questão da homossexualidade, pois ela e o filho enfrentavam

muito preconceito. Eu fiquei um pouco desconcertado e sensibilizado, pois essa mulher era muito sofrida e percebi em seu olhar que ela estava muito constrangida em falar ali, perante todos. Mesmo eu consciente e defensor do respeito e à abertura ao tema das diversidades no decorrer de todo esse trabalho, nesse momento me fugiram as palavras, talvez eu não tenha sido muito enfático no que disse naquele momento, mas creio que ela se sentiu contemplada com a discussão.

Esse primeiro momento com os pais soou mais como um diagnóstico, como um pedido de permissão para discutir as questões da sexualidade na escola. Pedimos que eles escrevessem sugestões de temas para se discutir com seus filhos. A seguir, apresento um esquema com os principais pontos levantados pelos pais:

A televisão, mídia, internet e outros meios de comunicação:

- Discutir o assédio sexual na internet
- Falar da televisão e como ela pode influenciar na erotização precoce (novelas, filmes, etc.)

Pedofilia:

- Cuidado de si, com o assédio dos adultos.
- Exploração sexual
- O que é pedofilia
- Orientações: não aceitar agrados de estranhos (dinheiro, carona)

Conhecimento sobre o corpo:

- Descobrimento do corpo
- Corpo masculino e feminino
- Vestimentas – erotização – vulgarização
- Mitos e mentiras sobre a sexualidade
- Menstruação, masturbação, gravidez

Respeito ao próximo, às diferenças:

- Palavrões e gestos obscenos
- Respeito entre os alunos, entre familiares
- Homossexualidade e respeito

Outros:

- Drogas
- Espiritualidade
- Exposição às ruas
- Considerar orientações familiares

Ao final, ficou acordado que voltaríamos a discutir essas questões com os alunos, pais e professores. No decorrer dos dias que se seguiram a esses momentos tive a oportunidade de conversar, de maneira informal, com a professora Raquel sobre os acontecimentos pós-debate. Questionada se levou os elementos discutidos para a sua prática ela fez um relato muito rico. Contou que durante a aula de educação física para alunos do 2º ano, com faixa etária de 8 anos, um dos meninos ameaçou um outro dizendo: eu dou um chute

nos teus ovos. Ela ouviu e perguntou o que estava acontecendo, permanecendo todos em silêncio. Ela insistiu e começou a falar dos órgãos genitais, de como referiam-se a eles. Ela questionou como era o nome do órgão genital masculino, e, depois de alguns risos, os meninos disseram: é piroca. Então, a professora Raquel disse que tinha um outro nome, científico, que não poderíamos dizer “piroca” em todos os lugares . Assim, um garotinho respondeu: pênis. Ela fez a mesma pergunta em relação ao órgão genital feminino, perguntando diretamente para as meninas. Todas silenciaram e abaixaram a cabeça, até que um garoto respondeu: priquito. Questionados que esse não seria o nome mais apropriado, um outro garoto respondeu: vagina.

Essa conversa que a professora teve com seus alunos sobre a genitália e seus respectivos nomes científicos, além de muito válida, refletiu essa cultura machista. As meninas não conseguiram falar sobre os órgãos genitais e ficaram muito constrangidas. A professora Raquel credita o fato à cultura machista em que vivemos.

Curioso sobre esse acontecimento é que as meninas, baseado no relato da professora, ficaram muito constrangidas, silenciando-se. Esse silêncio em torno da mulher e de seu corpo se prolonga por toda a vida. Já se inicia na infância. O menino, desde pequeno, já possui liberdade suficiente para se expressar, com as mães e tias dando pequenos beijos em sua “pintinha”, andando pelados por todos os lugares da casa. Com a menina é diferente, logo ela percebe que não pode transitar sem calcinha e que em pouco tempo já deve cobrir os seios. A sua vagina não existe, em hipótese alguma pode ser tocada por ela mesma. É algo perigoso, clandestino.

Considerações finais

A pesquisa de campo se deu de forma crescente. Fiz quatro visitas a escolas diferentes. A primeira foi mais tímida, não encontrei elementos que contribuíssem significativamente para esse trabalho, limitando-me ao discurso do diretor. A segunda também não foi muito diferente, uma vez que limitei-me ao discurso da coordenadora, mas tive acesso a mais informações, como o grupo de jovens que eram multiplicadores do Programa Saúde na Escola. Na terceira escola observei um avanço no sentido prático, pois tive a oportunidade de assistir a uma aula em que a professora abordava o tema com os alunos. Finalizei com a quarta escola, que considero o grande achado deste trabalho, pois pude colocar em prática a teoria estudada, analisando e observando ao mesmo tempo o cotidiano da escola, num contato direto com os professores.

Percebi que as escolas não abordam as questões da sexualidade, não porque elas não queiram, mas porque elas não sabem por onde começar, até mesmo porque a sexualidade está dentro da escola, em todos os lugares, em alunos e professores. A experiência com a ESCOLA 04 evidenciou que independente de nossas concepções, a sexualidade está posta no cotidiano das pessoas. A partir da conversa com as professoras e os pais, percebi um despertar do tema sexualidade nas rodas de conversas, elas passaram a observar o cotidiano de seus alunos, com uma maior reflexão sobre a temática. Algo que já estava ali, pois durante as rodas de conversas elas estavam inteiradas e abertas ao debate, às diversidades, sem pudores. Creio que na ESCOLA 04 as professoras tiveram um despertar, o que foi confirmado durante uma conversa com a professora Raquel, que suas práticas educativas relacionadas à sexualidade dependem de si mesmas, e não de um programa vindo de fora, do governo. Assim, é possível abordar as questões relativas à sexualidade sem precisar parar tudo, sem precisar interromper uma aula de português ou história para falar sobre, sem mostrar fotos assustadoras de DSTs. Exemplo disso foi a professora Raquel tratar o tema em meio a um conflito durante uma aula de Educação Física. A sexualidade não se restringe apenas ao coito e às DSTs. O ser humano só se realiza em sua completude, quando usufrui de si em seu todo. Toda essa diversidade que existe em torno da sexualidade está interligada numa teia de relações. Isolando as partes, fragmenta-se o ser humano.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretarias de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual:** essa nossa (des) conhecida. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 21° ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: _____; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Deborah; HOOKS, Bell; PARKER, Richard; BUTLER, Judith. **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 2° Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.